

# Levantamento da percepção do medo e do crime em Santa Catarina

**Aldo Antônio dos Santos Júnior, Luis Henrique Dutra e Daniel Bernardo da Silva Filho**

*Aldo Antônio dos Santos Júnior é mestre em Relações Econômicas e Sociais Internacionais. ✉ a2067@ibest.com.br*

*Luis Henrique Dutra é pós-graduado em Gestão Estratégica da Segurança Pública. ✉ tcdutrah@hotmail.com*

*Daniel Bernardo da Silva Filho é pós-graduado em Gestão da Segurança Pública. ✉ capitaodaniel@yahoo.com.br*

## Resumo

*O presente estudo tem por finalidade identificar o medo do crime nos seis municípios integrantes das mesorregiões do Estado de Santa Catarina, por intermédio de uma pesquisa de cunho teórico-empírico, do tipo exploratória ou de multicasos, que empregou uma análise de dados quantitativa. Dos resultados pode-se asseverar que, em diversas dimensões do medo do crime, será imperativo que, nas organizações policiais, se tomem decisões para a procura do atendimento desses anseios. Por último, assinala-se que o medo do crime no Estado de Santa Catarina está correlacionado, precisamente, com variáveis de caráter psicossociológicas, de complexa aferição, concluindo-se que, nos referidos municípios para a impressão do medo do crime em algumas dimensões empregadas nesta pesquisa, necessitando, desta forma, repensar algumas diretivas para melhorar a sensação de segurança*

## Palavras-Chave

*Segurança pública. Medo do crime. Política de segurança pública. Sensação de segurança.*

**P**ara a existência de uma sociedade saudável, será fundamental se dispor de informações isentas de tendenciosidades, baseadas em fatos reais para se evitar o estresse, possibilitando levar as pessoas e a comunidade existencial a uma qualidade de vida melhor.

A escalada da violência influencia de maneira substancial nas políticas públicas, mormente nos países mais desenvolvidos, onde a cidadania é exercida com maior intensidade.

Nesta direção, Rolim (2006) sublinha que, quanto aos dados para o estudo do crime e da violência, a situação é caótica, não se dispondo de informações elementares que permitam a realização de uma análise baseada na realidade, acerca das tendências criminais em curso, e tampouco de informações que possibilitem medir a eficácia de ações que são empreendidas pela polícia.

O medo contribui para a geração de cautela, que, por sua vez, serve como segurança e proteção. Quando extrapolado em certo limite, o mesmo medo deteriora a qualidade de vida das pessoas (DANTAS, 2002).

Grande parte das pessoas não percebe a realidade do problema do crime ou a denominada criminalidade de massa, em sua predominância holística, e que incide amplamente sobre o patrimônio material, na forma de freqüentes e pequenos atos delinqüentes, como no caso dos

furtos. Diametralmente oposto, a comunidade em geral é constantemente submetida às informações sobre crimes e problemas, tais como homicídios, seqüestros, roubos à mão armada, tráfico de entorpecentes, entre outras ações delinqüentes, mesmo com pouca freqüência, mas de grande impacto social pela violência com que são perpetradas.

Por exemplo, somente uma pequena parcela da população preocupa-se com o infortúnio de ser acidentado durante o itinerário para o trabalho ou viagens conduzindo seu veículo, desconhecendo que os acidentes de trânsito fazem mais vítimas do que os homicídios por meio do emprego das armas dos mais diversos tipos nas mãos de assaltantes.

Segundo Rolim (2006), as organizações promovedoras de mídia que tratam do crime podem ser tendenciosamente disseminadas, possuindo diversas intenções: entreter com o que está fora do comum; explorar a curiosidade pública sobre um grave problema social; granjear simpatias ou promover antagonismos político-eleitorais; e desestabilizar ou desmoralizar o poder público, que mantém, em geral, políticas públicas reativas para o setor.

Para melhor explorar essas idéias, elaborou-se este trabalho caracterizado como sendo de cunho teórico-empírico, apresentando traços do tipo estudo de multicase, ou, ainda, pes-

quisa exploratória, em que se emprega a técnica de análise de dados meramente quantitativa.

Procurou-se efetuar um levantamento por intermédio de uma pesquisa de campo nos seis municípios integrantes de cada mesorregião do Estado de Santa Catarina, os quais constituem o centro de maior importância política, econômica e social, quais sejam: Florianópolis, Joinville, Criciúma, Chapecó, Lages e Balneário Camboriú.

Com fulcro nessa demarcação, buscou-se responder à seguinte questão: como está caracterizado o medo do crime no Estado de Santa Catarina?

Por fim, esta pesquisa está estruturada do seguinte modo: levantamento do medo do crime no contexto de uma tendência sistêmica; contexto do medo do crime, estudos e definições; variáveis intervenientes no medo do crime e o levantamento do medo do crime no mundo.

## Material e método

O método utilizado, nesta pesquisa, foi o de multicasos, uma vez que se identificou e se caracterizou, em mais de uma unidade municipal, o maior número possível de informações detalhadas sobre a problemática referente às variáveis selecionadas, que integram o medo do crime.

A população envolvida na presente pesquisa corresponde a 1.499.552 indivíduos, residentes na área urbana delimitada nos seis municípios integrantes de cada mesorregião do Estado de Santa Catarina, que representam a variedade das culturas existentes.

Portanto, empregando-se a fórmula de Barbeta (1998), obtém-se uma amostra de 666 pessoas, distribuídas proporcionalmente do seguinte modo: 172 em Florianópolis; 195 em Joinville; 90 em Criciúma; 80 em Chapecó; 79 em Lages; e 45 no Balneário Camboriú.

Com esse tipo de amostra utilizada atingir-se-á o intervalo de confiança de 96%, o qual permite uma margem de erro sobre os resultados obtidos no total da amostra de até 4 pontos percentuais, para mais ou para menos, sendo permitido um erro de estimação de até 4%.

As informações foram colhidas a partir de dados secundários e primários, ou por meio de um questionário para a coleta de dados, composto por 24 questões, empregando-se, para tanto, a escala de avaliação verbal, sendo que 16 questões compreenderão a escala de 1 a 4, para se levantarem as atitudes, a serem aplicadas junto à amostra selecionada.

Os dados secundários foram obtidos a partir da Central de Emergência 190 da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina.

Simultaneamente, a ferramenta para a coleta de dados foi submetida a um teste-piloto, envolvendo cinco respondentes escolhidos junto à população envolvida nesta investigação.

Por último, cabe ressaltar que o modelo empregado de instrumento para a coleta de dados foi adaptado da *Safer Communities Partnership*, organização de origem inglesa, com o título *Fear of Crime Snap-shot Survey*.

A pesquisa adota uma natureza de análise de dados fundamentalmente quantitativa. O método de análise empregado na estatística foi o descritivo, visando proporcionar informações sumarizadas dos dados contidos no total de elementos da amostra, empregando-se, para tanto, a planilha Excel.

## Marco teórico

### *A tendência sistêmica e o levantamento do medo do crime*

O tema, alvo do presente estudo, apóia-se no pensamento sistêmico, segundo o qual a organização, para sua sobrevivência, desenvolvimento e manutenção de um nível de aderência satisfatório com o ambiente total, deve levantar, de modo permanente, as conjunturas que preponderam e influem em sua vereda.

Entende Maximiano (2002), por complexidade, a vultosa gama de problemas e variáveis que interagem numa situação. A complexidade é maior, quanto maiores são seus problemas.

Constitui uma postura relevante para os diretores das organizações uma visão sistêmica que facilite a compreensão do todo. Morgan (1996) afirma que os antigos administradores possuíam

uma visão da organização obtusa, preocupando-se, essencialmente, com o planejamento interno. A perspectiva da visão sistêmica ampliou a concepção anterior, afirmando que o foco deveria ser dado às interações organizacionais, clientes, concorrentes, fornecedores, governo, ONGs, entre outros.

Assegura Maximiano (2002, p. 356) que o “sistema é um todo complexo ou organizado; é um conjunto de partes ou elementos que forma um todo unitário ou complexo”.

Sobre a perspectiva ambiental, Ansorff (1983) comenta que a crescente complexidade das incumbências da sociedade e a transformação dos valores sociais levaram à certeza de que os modelos organizacionais históricos deixaram de responder às demandas sociais. O autor realiza severas críticas aos paradigmas burocráticos que predominam nas organizações, principalmente nas públicas.

Para Maximiano (1997), uma organização integra um conjunto de partes, interagentes e interdependentes, sendo que cada parte ou elemento pode possuir seus próprios objetivos. Ainda segundo o autor, alguns estudiosos apresentam três sistemas: o social, o estrutural e o tecnológico, conforme apresentados na Ilustração 1.

**Ilustração 1**  
**Tipos de sistemas que remontam as organizações**



Fonte: Adaptado de Maximiano (1997, p. 247).

O ato de investigar os agentes que constituem o macroambiente, como levantar o medo do crime, constitui um esforço de compreender as demandas sociais e, por conseguinte, o caminho de uma visão mais sistêmica (SANTOS Jr.; HENRIQUE, 2004; SANTOS Jr., 1999).

Afirmam Kotler e Roberto (1992) que o mapeamento do meio ambiente possibilita aos especialistas preverem alterações nele e, conseqüentemente, operarem sua adaptação, de modo oportuno e ordenado, à mudança no ciclo de vida dos programas que existem nas organizações.

Alguns estudos nacionais, mesmo que raros, esclarecem ou definem categoricamente as duas variáveis crime e medo do crime, porém, a literatura internacional é ampla sobre este tema.

Definições e terminologia são empregadas conjuntamente para abordar a questão, gerando, por sua vez, algumas confusões que comumente acontecem quando se trata de definições correlatas ao crime, medo do crime e vitimização.

De acordo com esta pesquisa, denota-se que, em diversos países, tanto da Europa como da América do Norte, anualmente, são avaliados, por intermédio de levantamentos, o medo do crime, a vitimização e a percepção acerca da polícia.

Afirmam Dijk, Manchin, Kesteren, Nevala e Hideg (2005) que, quanto maior o potencial ofensivo do crime sofrido pelas pessoas, maior é a frequência da divulgação para a polícia e, por conseguinte, para os demais integrantes do sistema penal.

Em razão da relevância do tema, surgiram alguns trabalhos de pesquisa ligados à área, tais como: Feiguin e Lima (1995); Brady (1996); Ditton e Farrall (1999); Howard (1999); Noronha (2000); Lane e Meeker, 2000; Warr (2000); Cerqueira e Lobão (2003); Batista (2003); Giblin (2003); Cerqueira (2003); Kuhlman (2003); Neto e Ricardo (2004); Dijk, Manchin, Kesteren, Nevala e Hideg (2005); Cruz (2006).

De acordo com a Escola de Criminologia e Justiça Criminal da Flórida (2006, tradução nossa), existem quatro linhas para a realização do levantamento do medo do crime e relatos de sua percepção, quais sejam: medo do crime; percepção do risco do crime; percepção da aplicação da lei; e percepção do jovem acerca do crime e justiça.

O medo do crime passou a integrar a realidade e o imaginário da coletividade que, a partir de experiências concretas ou não, passou a produzir e reproduzir o que Caldeira (2000) e Augusto (2002), denominaram de fala do crime.

Feiguin e Lima (1995) afirmam que os indivíduos e as instituições moldam seus comportamentos à nova realidade e reorientam-se no sentido de conviver com o medo e a insegurança, e sob a tensão e na expectativa de serem vítimas de ofensas criminais.

Asseguram Alemika e Chukwuma (2005) que a vitimização criminal acarreta sérias conseqüências para uma sociedade, tanto em nível individual como coletivo, prejudicando a democracia, o desenvolvimento e os direitos humanos, e reduzindo a qualidade de vida. Segundo Lane e

Meeker (2000), medo do crime é complexo e as pessoas o temem de maneiras diferentes.

As constantes mudanças de endereço das pessoas causam circunstâncias desordenadas, que podem elevar o medo do crime, uma vez que dificulta, por parte da polícia, maior controle acerca dos moradores (Taylor, 1999).

Santos Júnior (2000) comenta que, além do real crescimento da criminalidade causado pela ausência do Estado, evidenciou-se a evolução do medo do crime. Diante dessa conjuntura começaram a surgir demandas, como maior efetividade na segurança pública, mais presídios, maior repressão à criminalidade, ainda que de forma pouco democrática.

Os estudos sobre crime e violência, no Brasil, ascenderam após a década de 70, tendo sido ampliado seu debate acerca dos significados e sentidos que tais conceitos têm se concretizado na sociedade.

Algumas instituições oficiais – Crisp, Senasp – mostram que, na década de 90, o Brasil foi marcado pelo crescimento das taxas de criminalidade e, por conseguinte, pelo recrudescimento do medo do crime. Em relação às taxas de homicídios, houve um aumento de 26,4%, variando de 20,9 para 28,4 óbitos por 100 mil habitantes, entre 1991 e 2002.

De acordo com as instituições citadas, localizadas na Região Metropolitana de São Paulo, ocorreu um brutal aumento das taxas de roubo a mão armada, variando de 269,05 eventos por 100 mil habitantes, em 1981, para 562,63, em 1991, e para 879,79, em

2002, ou seja, um crescimento de 69,42% no período.

Segundo Santos Júnior (2000), vários estudos e documentos relatam a inexistência, no país, de sistemas integrados de informações criminais para melhor se aferir a questão, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo.

Para Lane e Meeker (2000), nem sempre a vitimização, ou o risco de estar sujeito ao crime, proporciona maior medo do crime nas pessoas, mas também em razão de outras variáveis, como fatores étnicos e culturais.

Ações como aumento de penas, redução da maioria penal, criminalização de um maior número de conduta, uma polícia mais firme e prisão sem direitos passaram a compor significativamente a retórica de certos políticos, porém, as verdadeiras causas não foram tangenciadas (SANTOS Jr., 2000).

Esses movimentos pouco contribuíram para a redução do crime e do medo do crime, até a inclusão de modernas tecnologias que enfocam a prática da segurança pública de modo mais complexo.

O crescimento da criminalidade representa o aumento de conflitos sociais. Na análise do fenômeno da criminalidade, não basta o levantamento sobre as violações à lei, sendo essencial uma investigação das variáveis culturais, antropológicas, sociológicas, econômicas e políticas, conforme sublinha Carrillo (2002, p. 40):

La comprensión de los conflictos sociales y de sus consecuencias requiere de investigaciones con conceptos diferentes de

los de la dogmática jurídica y el derecho. Sólo así será posible solucionar el conflicto social y contener sus síntomas. Conviene concentrarse en la prevención de los conflictos sociales y en la urgencia de establecer medidas necesarias y suficientes para que no se repitan, sanear el ambiente social con decisiones y acciones tendientes a la desaparición de las causas que los producen y simultáneamente atacar los síntomas.

Os valores morais e éticos defendidos pela família, escola e igreja, hoje em estado de deterioração, anteriormente constituíam o suporte para uma estruturação social mais harmônica nas relações entre as pessoas.

Finalmente, para encerrar esta parte, afirma-se que políticas de segurança pública não podem se limitar às respostas pontuais para demandas apaixonadas, politiquieras por combate à criminalidade e não devem se reduzir a alterações legislativas e de endurecimento das ações dos órgãos de controle do crime, mas, sim incorporar, principalmente, a idéia de prevenção e repressão ao crime.

#### *O contexto e a caracterização do medo do crime*

Dos levantamentos acerca da revisão na literatura, destacam-se as seguintes referências que poderão consolidar os conceitos: Stavrou (1993); Scott (2003); Williams, Mcshane e Akers (2000); Romer, Jamieson e Aday (2003); Hart e Wilson (2005), entre outros artigos.

O crime causa uma série de perdas políticas e econômicas para a democracia e o capital social. Segundo Christmann e Rogerson (2004),

deve ser bem assinalada na agenda política a prioridade na execução do policiamento, procurando um melhor indicador de desempenho para as autoridades locais.

Para qualquer pessoa ou grupo social ou socioeconômico, o medo do crime constitui um tópico importante para se identificar, pois seus efeitos, tanto psicológicos como sociais, podem ser dramáticos (MORLEY, 2004).

De acordo com o governo inglês, o medo do crime afeta muitas pessoas e necessita ser tratado com seriedade. A maioria das pessoas que possuem tal percepção não foi vítima de qualquer ato delinqüente, porém resguarda um alto temor (Reneval 2006).

O medo do crime deteriora a qualidade de vida e tem sido comumente estudado em muitos países, como Austrália, Inglaterra e Estados Unidos (DANTAS, 2002).

Segundo Cerqueira e Lobão (2003), existem duas causas para se explicar o evento do crime: os motivos intrínsecos ou os individuais; e os processos que levam as pessoas a se tornarem criminosas.

Lamentavelmente com um sistema pauperizado e distanciado da natureza social, como comenta Zackeski (2000), a realidade contempla que a crise do sistema de justiça penal, de conformidade com a análise histórica e social de Alessandro Barratta, pode ser condensada na afirmação de que o sistema apresenta-se inadequado em relação às suas funções declaradas, ou seja, a pena não cumpre mais sua finalidade, não havendo, desta forma, a função de prevenção da criminalidade.

Segundo Dantas (2002), sofreremos de insegurança. É necessária a provisão de melhores serviços de segurança pública, mudando o conceito para defesa social, com um sistema que integra a repressão com a prevenção da criminalidade, em que os artífices deste modelo sejam todos os demais órgãos públicos, de modo integrado com a comunidade.

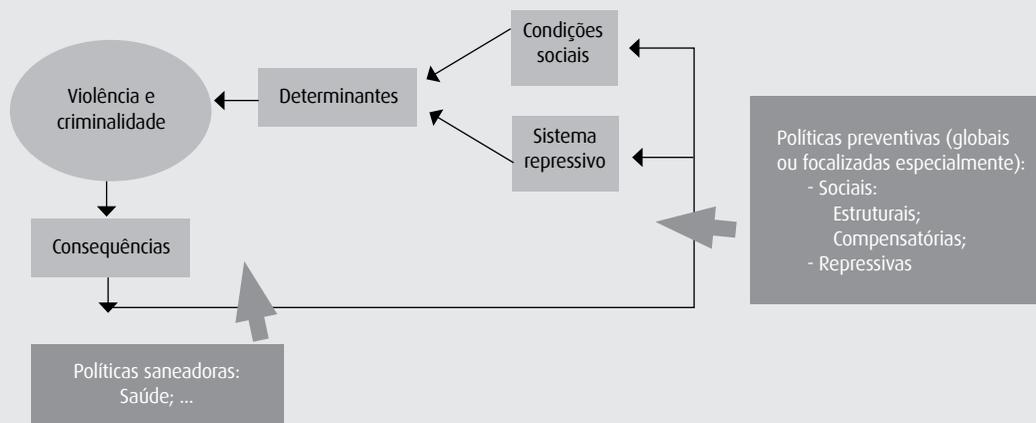
Acerca do subsistema polícia, assegura Lima (2002, p. 243, grifo nosso):

A atividade policial, assim, permanece pouco explorada e obscura para a maioria das pessoas. Vive, na verdade, nas trevas da indiferença, *sendo invocada apenas nos momentos críticos, quando, diante da gravidade dos problemas sociais, é chamada a resolver tudo* que lhe estipulem a forma e lhe concedam os meios necessários.

Afirma Souza (2003) também: a ausência de uma política penal consistente e adequada ao contexto social leva a polícia a influenciar as pessoas, vitimizadas ou não, que queiram prestar uma queixa, a não registrá-la quando o caso não tem importância, ou quando ela é incapaz de apresentar uma solução adequada.

Além disso, Cerqueira e Lobão (2003), num trabalho desenvolvido no Ipea, procuram responder a seguinte questão: como identificar políticas preventivas para garantir a paz social, a partir da conjugação de políticas sociais (estruturais ou compensatórias) focalizadas regionalmente e de políticas relacionadas ao sistema de justiça criminal? Os autores buscaram identificar as variáveis fundamentais que expliquem a criminalidade, de acordo com o marco teórico específico, apresentando o modelo delineado a seguir.

**Ilustração 2**  
**Projeto de pesquisa – Planejamento estratégico da segurança pública e os determinantes do crime**



Fonte: Cerqueira e Lobão (2003, p.2).

Para Romer, Jamieson e Aday (2003, tradução nossa), a mídia influencia decisivamente no aumento ou decréscimo do medo do crime, a partir das notícias veiculadas pela imprensa televisada.

O tema medo do crime, no Brasil, requer, ainda, um tratamento mais amadurecido, pois, lamentavelmente, mesmo com a envergadura dos problemas constantes do sistema penal, a temática ordem pública não se encaixa como meta prioritária para a promoção da qualidade de vida.

Declara Bandeira (2003, p. 5), da cultura do medo:

[...] criminalistas podem perceber com antecipação tempos sombrios, porque dispomos de uma antena muito sensível: a demanda de repressão penal. O emprego inflacionário do sistema penal é o sinal que nos adverte para uma intranquilidade, um medo social [...].

Na agenda dos administradores públicos dos países mais desenvolvido, diversas ações têm sido envidadas para se medir o medo do crime e operacionalizar medidas para tranquilizar o público, reduzindo o medo do crime (SHAFTOE, 2004, tradução nossa).

De acordo com Giblin (2003), Hoare e Robb (2006), os levantamentos acerca do crime são fundamentais para a formulação de políticas de justiça criminal e estabelecimento de programas de prevenção e intervenção e desenvolvimento da teoria criminal.

Avança Shaftoe (2004, tradução nossa), definindo o medo do crime como sen-

do uma emoção, um sentimento de dano, real ou imaginário; o medo também pode ser mais geral e estar ligado a um conjunto de outras coisas. Ele se encontra na cabeça das pessoas, exteriorizando um complexo de sintomas, suor, sentimento de frio ou quente, falta de concentração, boca seca e falta de apetite.

O medo do crime se reveste de uma representação social do meio, ou seja, é uma forma de pensar, interpretar e proporcionar um sentido para a realidade.

Assegura Warr (2000) que, apesar de décadas de investigações sobre o medo do crime, até há pouco tempo o conceito foi comparado a uma variedade de estados emocionais, de atitudes, ou de percepções, ansiedade, risco percebido, medo do desconhecido, vizinhança se deteriorando e os valores morais em declínio.

Acerca do sentimento de insegurança, Frias (2004, p. 3, grifo nosso) relembra: “O medo do crime manifesta-se, sobretudo, em comportamentos de proteção do domicílio ou *medidas cautelares em face da vitimização*, sendo expresso na primeira pessoa: *tenho medo de ser assaltado* ou *não me sinto seguro na rua à noite*”.

Os exames sobre o medo são fundamentais para o conhecimento da realidade e, por conseguinte, para aferir se os programas de intervenção e as políticas de segurança pública são realmente efetivos.

Comenta Giblin (2003), num levantamento promovido pelo Departamento de Estatísti-

ca da Justiça, da *University of Alaska Anchorage*, que o medo do crime não mudou em relação aos anos anteriores.

Por último, outros focos de investigações recentes sobre o medo do crime estão nos esforços em explicar porquê as pessoas com risco de vitimização maior possuem maior medo do crime (JODI; LANE; MEEKER, 2000).

#### *As variáveis componentes do medo do crime e o levantamento do medo do crime*

Os diversos modelos de levantamento do medo do crime possuem suas peculiaridades, ou seja, suas características próprias empregadas para um determinado contexto cultural; ressalta-se que algumas características são comuns nos diversos países.

Os instrumentos para a coleta de dados procuram abranger a vizinhança e as cidades onde residem as pessoas envolvidas nas pesquisas, identificando o perfil (sexo, raça, idade) e, na seqüência, os diversos contextos da realidade social das pessoas.

Os componentes que integram o conceito medo do crime podem ser observados na seguinte bibliografia: Community Safety Survey (2006); Kara e Upson (2006); Walker (2006); National Statistics (2006); Cleen Foundation (2005); Hart e Wilson (2005); Farrall, Jackson e Gray (2005); Tempe Police Department Citizen Survey (2005); Boise State University; Ada County Sheriff's Office (2005); Morley (2004); Blake (2004); Shaftoe (2004); Ross (2003); Giblin (2003); Christmann e Rogerson (2004); Taylor (1999); Howard, Webster e Vernick

(1999); Florida Department Of Juvenile Justice (1998).

Grande parte dos instrumentos trata das seguintes variáveis: evitar estar sozinho; desconsiderar rotas longas nos estacionamentos; evitar sair sozinho à noite; carregar menos dinheiro; deixar as luzes acesas em casa; evitar lugares com pouca iluminação; possuir um cão; e colocar alarmes em casa.

É comum na União Européia, para a implantação de estratégias para a redução do crime e da desordem, o estabelecimento de focos de atuação das instituições.

Segundo a *Community Safety Strategy for Fenland* (2005), o coração da estratégia para a redução da criminalidade e da desordem está atribuído em cinco molas mestras: medo do crime; crimes violentos e comportamentos anti-sociais; violência doméstica; drogas e álcool; e avanço da delinqüência e outras prioridades. Esta organização afirma que o nível do medo do crime deve ser proporcional aos níveis de crime.

Concebem Alemika e Chukwuma (2005) que, para o exame do crime, se envolve uma amostra da população. Os autores afirmam que a percepção de segurança ou insegurança está relacionada com as seguintes variáveis: aspecto vicinal, qualidade física e ambiental; composição da população; nível de desemprego e serviços sociais; e presença e eficácia dos órgãos de controle social.

Para Warr (2000), os acontecimentos criminais chamam a atenção das pessoas, impactando-as. Esse fato acontece em razão da ên-

fase que a mídia dá para tal evento, realçando a idéia de que a vida é tênue e frágil e que o mundo não é um lugar seguro.

É importante considerar, na equação, o potencial de algumas organizações que veiculam a notícia, pois esta variável pode influenciar sobremaneira no aumento do nível do medo do crime.

Segundo Christmann e Rogerson (2004), a redução do medo do crime constitui uma prioridade da agenda dos políticos, uma vez que essas autoridades locais são avaliadas também com base nesse indicador.

Somente se constrói uma sociedade mais equânime e com um bom nível de desenvolvimento social quando se pode andar pelas ruas com a tão procurada sensação de segurança, ou quando se tem a certeza de que o medo do crime está sendo reduzido (SANTOS Jr.; HENRIQUE, 2005, p. 135).

O conhecimento sobre o nível do medo do crime poderá facilitar o poder público nos seguintes aspectos, primordialmente: conhecer o que causa o medo do crime; compreender quais são os serviços indispensáveis e realizar parcerias para a redução do crime e da desordem; montar um processo simples para a redução do medo do crime; descrever alguns métodos para reduzir o medo do crime; e identificar o que pode ser usado para reduzir o medo do crime em um dado território.

Para o *Research Development and Statistics* (2005) e o *South Bucks Community Safety Strategy* (2005-2008), órgãos integrantes do governo

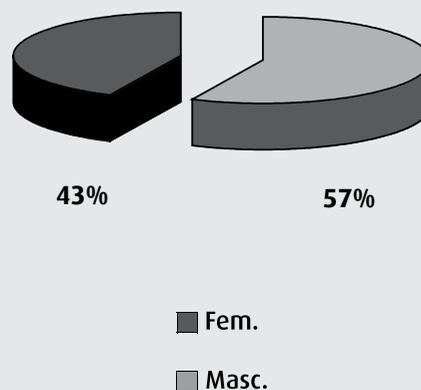
britânico, o levantamento do medo do crime é fundamental para se tecerem estratégias de ação para redução do crime e da desordem, porém é impossível evitar que os crimes aconteçam.

## Apresentação, análise e interpretação de dados

### *Perfil das pessoas entrevistadas*

Na pesquisa realizada nos seis municípios que integram as mesorregiões de Santa Catarina, a amostra é composta por 43% de mulheres e 57% de homens, o que se apresenta relativamente proporcional para os gêneros.

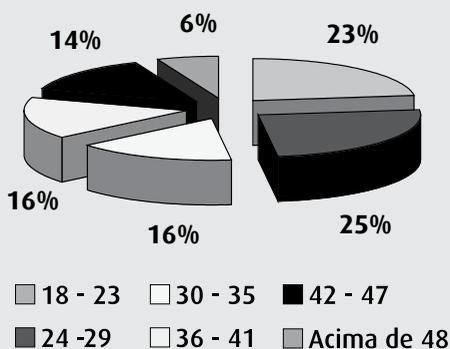
Gráfico 1  
Distribuição das pessoas entrevistadas, segundo sexo



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Quanto à faixa etária, os entrevistados se distribuem da seguinte forma: 23% de 18 a 23 anos; 25% de 24 a 29 anos; 16% de 30 a 35 anos; 16% de 36 a 41 anos; 14% de 42 a 47 anos; e 6% de 48 anos ou mais (Gráfico 2).

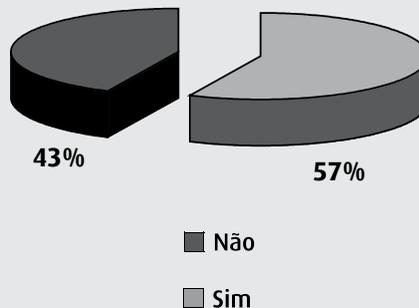
**Gráfico 2**  
Distribuição das pessoas entrevistadas, segundo faixa etária



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Com base no Gráfico 3, denota-se que 37% das pessoas são solteiras, 7% são divorciadas, 5% pertencem ao grupo de outros (pessoa sem família ou ainda em indefinição quanto ao regime de casamento) e 51% possuem família. Entre os entrevistados, 57% têm filhos e 43% não possuem (Gráfico 4).

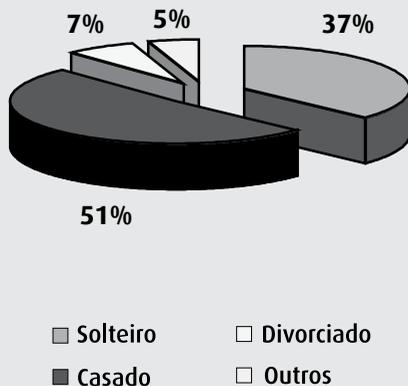
**Gráfico 4**  
Distribuição das pessoas entrevistadas, segundo condição de possuir filho



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

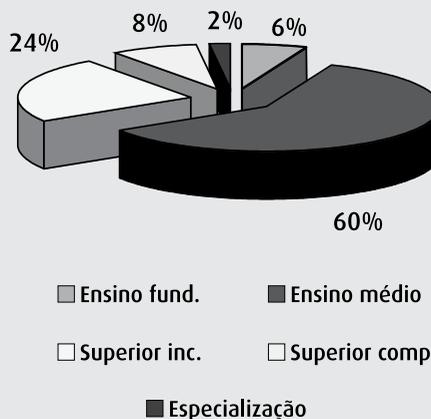
No que se refere ao nível de escolaridade, 6% das pessoas entrevistadas possuem o ensino fundamental, 60% têm o ensino médio, 24% estão cursando o ensino superior, 8% já terminaram o ensino superior, 2% possuem especialização e apenas dois entrevistados possuem mestrado (Gráfico 5).

**Gráfico 3**  
Distribuição das pessoas entrevistadas, segundo estado civil



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

**Gráfico 5**  
Distribuição das pessoas entrevistadas, segundo nível de escolaridade

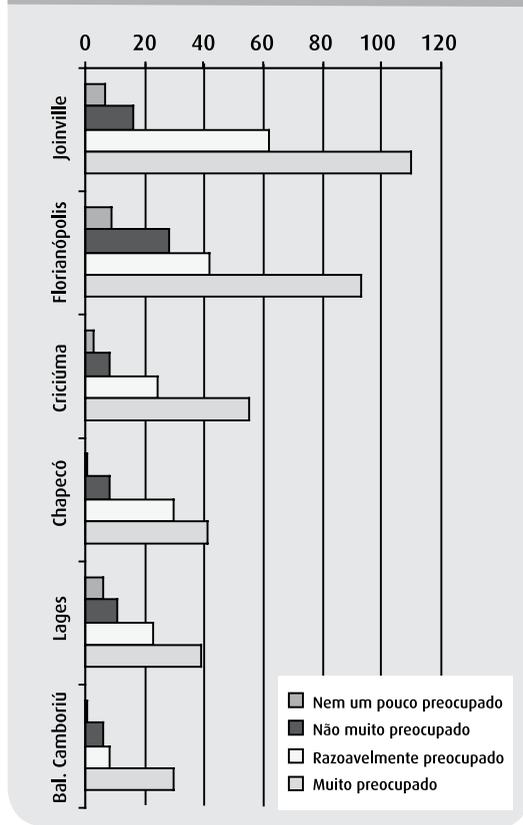


Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Dados do levantamento do medo do crime

Quanto ao medo de ter a casa arrombada, o Gráfico 6 mostra que, em todos os municípios pesquisados, os quais integram as diferentes peculiaridades culturais, políticas, geográficas, entre outros vetores, as pessoas têm esse tipo de medo, caracterizando fortemente uma tendência de simetria à direita.

Gráfico 6  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter medo de ter a casa arrombada  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina

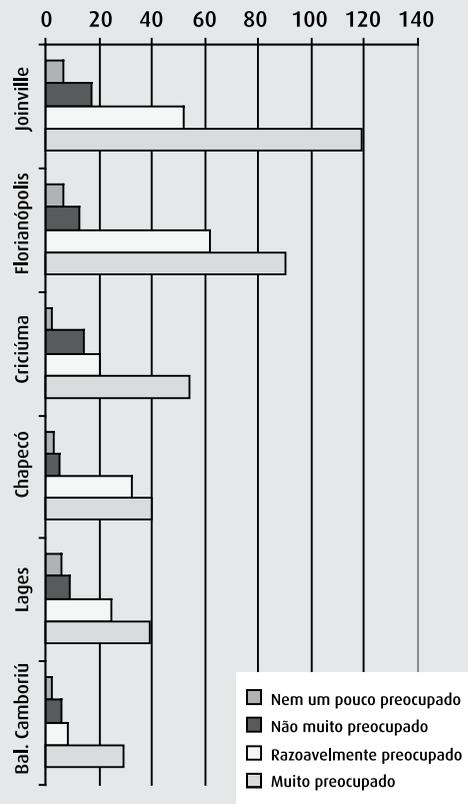


Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Verifica-se no Gráfico 7, com relação à categorização do medo de ter o veículo quebrado

por ação de vândalos, uma orientação forte à simetria à direita, ou seja, as pessoas estão bastante preocupadas e razoavelmente preocupadas em serem lesadas neste tipo de crime.

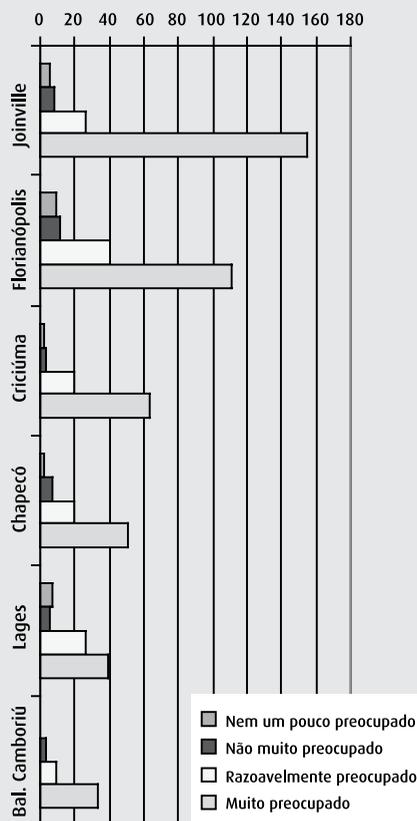
Gráfico 7  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter medo de ter seu veículo quebrado por ações de vândalos  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Caracteriza o Gráfico 8 uma forte tendência à direita, corroborando os resultados obtidos no Gráfico 7, em razão da correlação de variáveis, indicando que as pessoas possuem medo que seu veículo seja roubado.

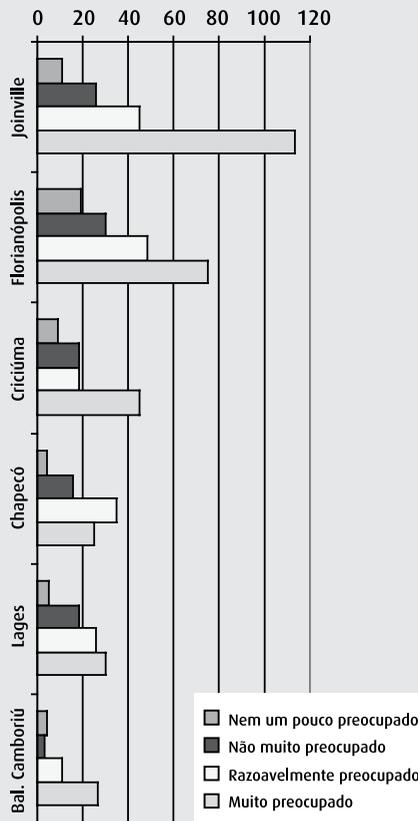
**Gráfico 8**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter medo de ter seu veículo roubado  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Entre os municípios pesquisados, verifica-se que em Joinville, Florianópolis, Criciúma e Balneário Camboriú há uma forte orientação à simetria à direita, no que se refere ao medo de ser vitimizado por vandalismo ou danos em sua propriedade, enquanto em Lages e Chapecó a situação não é tão discrepante em relação à escala adotada. Em Lages a frequência de pessoas que estão muito preocupadas e a daquelas que estão razoavelmente preocupadas são bem próximas, de modo diferente para Chapecó, onde, apesar de preponderar a simetria à direita, as pessoas estão razoavelmente preocupadas.

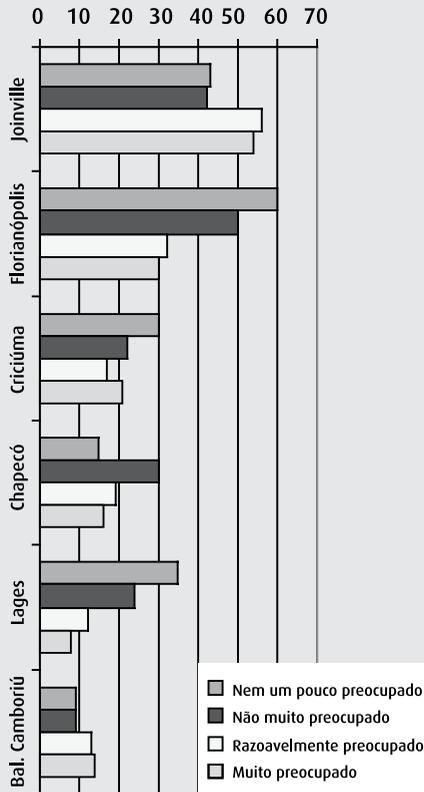
**Gráfico 9**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter medo de ser vitimizado por vandalismo ou dano em sua propriedade  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Com base no Gráfico 10, percebe-se que há uma discrepância entre os municípios quanto à preocupação com os trotes telefônicos. Em Joinville e Balneário Camboriú, caracterizou-se uma simetria à direita, enquanto em Florianópolis, Criciúma e Lages houve uma simetria à esquerda e, em Chapecó, predominaram as pessoas que não estão muito preocupadas com os trotes telefônicos. O gráfico demonstra que existe divergência de opiniões entre as pessoas, pois, neste tipo de ocorrência, não há como medir a frequência que ocorre e o dano que provoca nas pessoas.

**Gráfico 10**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação com os trotes telefônicos  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



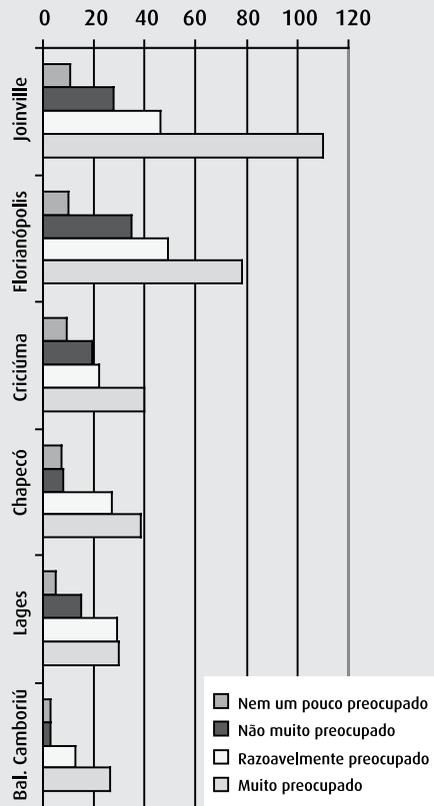
Fonte: Coleta de pesquisa do autor

O Gráfico 11 mostra que, nos seis municípios pesquisados, as pessoas estão muito e razoavelmente preocupadas com o fato de as drogas estarem relacionadas com os incidentes criminais. Essa preocupação é em decorrência de as drogas lícitas ou ilícitas serem, na maioria dos casos, responsáveis pelos acidentes de trânsito e ocorrências de crimes e contravenções.

Com relação à dimensão medo dos roubos/furtos, verifica-se que, em todos os municípios, apresentou-se maior frequência para a simetria

à direita, ou seja, as pessoas estão com medo de serem vitimizadas, sendo alvo dos punguistas (Gráfico 12).

**Gráfico 11**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação com as drogas relacionadas com incidentes criminais  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



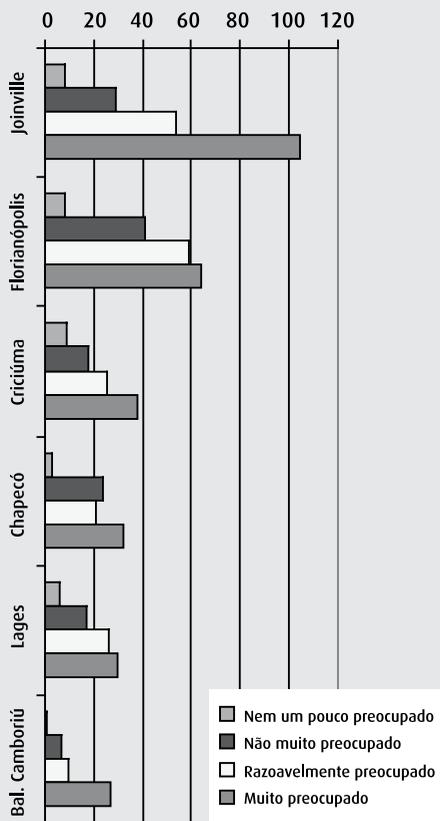
Fonte: Coleta de pesquisa do autor

O Gráfico 13 mostra que existem discrepâncias entre as posições, com referência à preocupação com que as pessoas bêbadas causem aborrecimento à noite. Em Joinville ocorreu uma forte simetria à direita, enquanto em Florianópolis houve uma relativa simetria à esquerda, com maior frequência para a escala representativa das pessoas que não estão muito preocupadas, apresentando

uma tendência bimodal. Já em Criciúma e Balneário Camboriú, apresentou-se uma mesma orientação à simetria à direita, caracterizando o medo do crime nesta modalidade. Em Chapecó e Lages há semelhança dos resultados, sendo que as pessoas estão divididas em suas posições com relação às simetrias da escala de valores adotada.

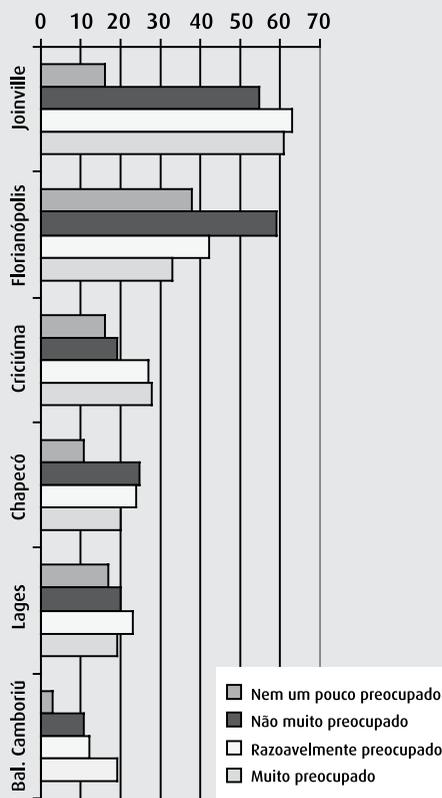
Comparando-se os dados que ilustram os Gráficos 13 e 14, percebe-se que as pessoas têm mais temor de serem aborrecidas pelas pessoas embriagadas à noite do que de dia.

**Gráfico 12**  
 Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação com o roubo nas ruas  
 Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

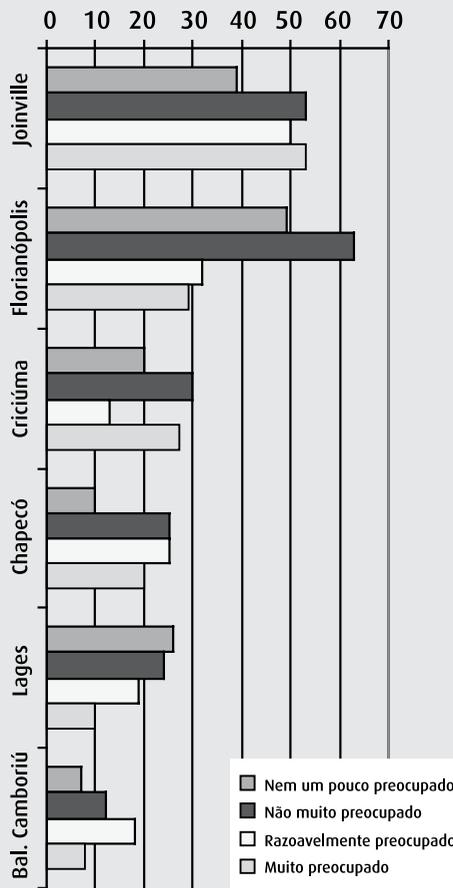
**Gráfico 13**  
 Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação com pessoas embriagadas que lhes causem aborrecimento à noite  
 Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

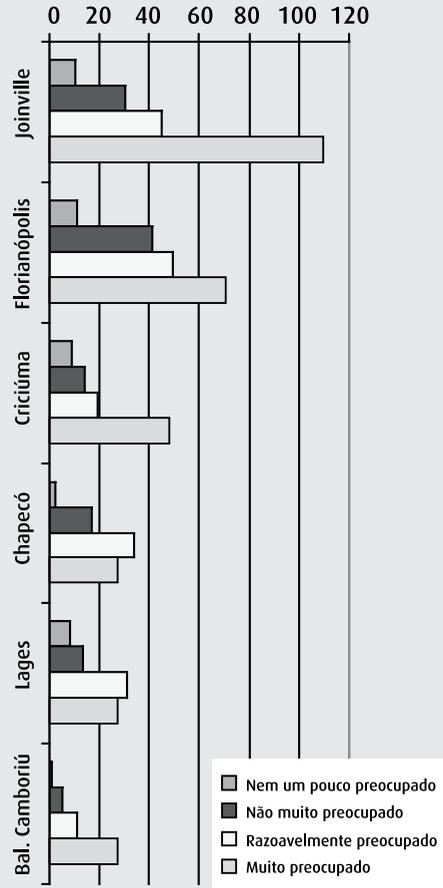
No Gráfico 14, há discrepâncias relativamente semelhantes às do gráfico 13: em Joinville, há uma tendência à simetria à direita; em Florianópolis ocorre uma forte orientação à simetria à esquerda, apresentando tendência bimodal; em Criciúma, verifica-se uma orientação contraditória, em posições de não muito preocupado seguido da tendência de muito preocupado; em Chapecó, ocorre uma tendência central; em Lages existe uma posição à simetria à esquerda; e, em Balneário Camboriú, uma tendência central às simetrias, preponderando a orientação de estar razoavelmente preocupado.

**Gráfico 14**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação com pessoas embriagadas que lhes causem aborrecimento de dia  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

**Gráfico 15**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação com outros tipos de ataques violentos  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



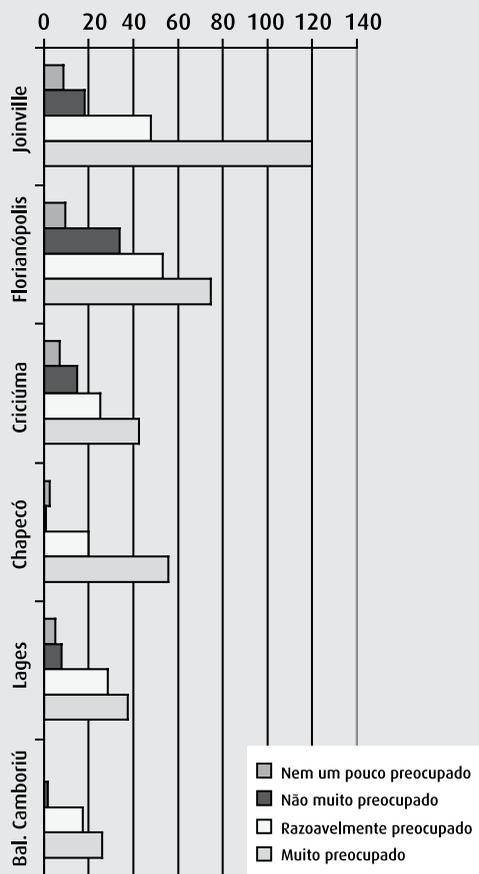
Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Com relação à preocupação com outros tipos de ataques violentos (Gráfico 15), observa-se uma forte tendência à simetria à direita, demarcando que, em Chapecó e Lages, preponderou uma orientação para a categoria razoavelmente preocupado. Essa dimensão do medo do crime é provocada nas pessoas mais pelo impacto causado, por

intermédio da divulgação, do que pela frequência em que acontece.

O Gráfico 16 mostra uma forte tendência à simetria à direita, ou seja, as pessoas estão muito preocupadas com a violência no trânsito, devido ao grande número de pessoas que são vitimizadas em consequência de acidentes de trânsito.

**Gráfico 16**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação com a violência no trânsito  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina

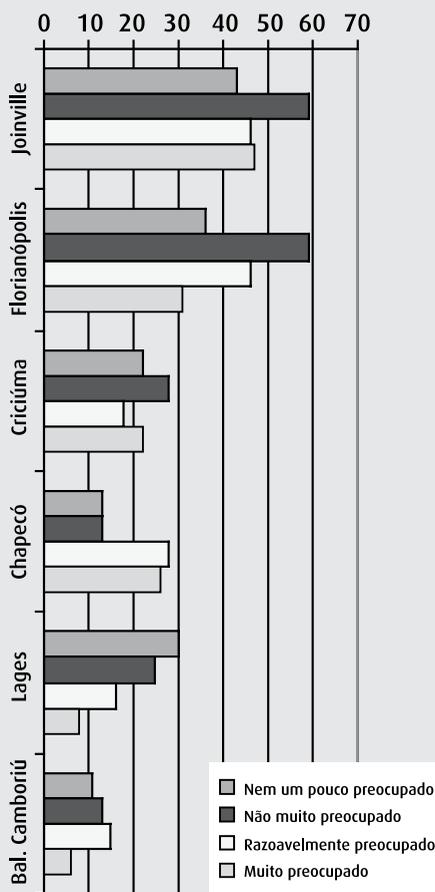


Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Revela o Gráfico 17 que, em Joinville e Florianópolis, há uma maior frequência para a posição de não muita preocupado com a perturbação com os vizinhos. Em Criciúma apresenta-se uma tendência central, porém preponderando a mesma posição dos municípios anteriormente mencionados. Em Chapecó e Lages, observam-se simetrias opostas: no primeiro à direita e no segundo à esquerda. Finalmente, em Balneário Camboriú, caracteriza-se uma tendência central,

pendendo para uma orientação à categoria de razoavelmente preocupado.

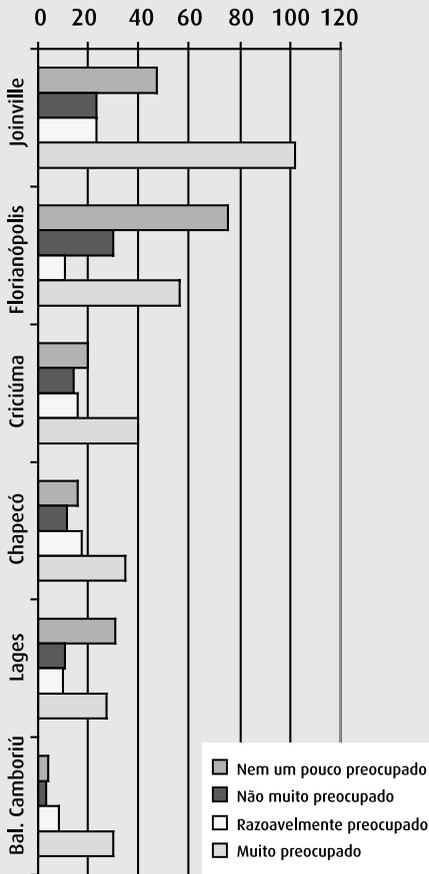
**Gráfico 17**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação em ser desrespeitado ou chateado por vizinhos  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

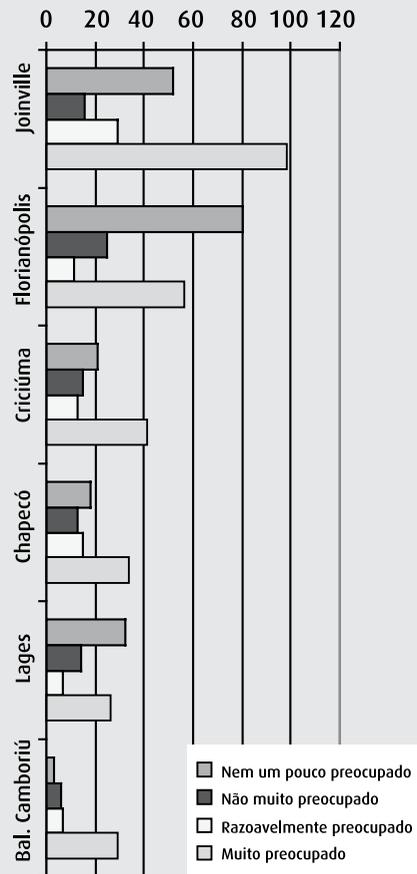
Verifica-se, por meio do Gráfico 18, que em Joinville, Criciúma, Chapecó e Balneário Camboriú as pessoas estão muito preocupadas em serem agredidas sexualmente, enquanto em Florianópolis e Lages há uma simetria à esquerda, caracterizando uma maior sensação de segurança nessa dimensão.

**Gráfico 18**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação em ser agredido sexualmente  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

**Gráfico 19**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação em ser molestado sexualmente  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



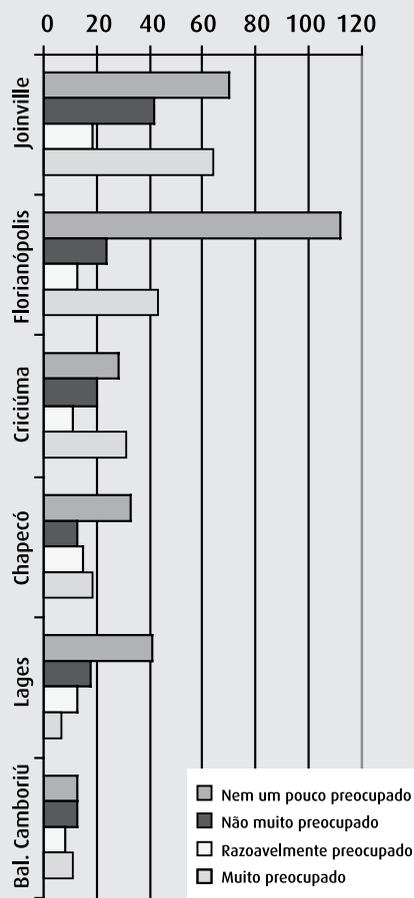
Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Existe uma grande similitude nos resultados dos Gráficos 18 e 19, ou seja, as variáveis se correlacionam em razão da natureza.

Com relação à preocupação em ser agredido devido à sua cor, raça, religião ou opção sexual. Observa-se que, em Joinville,

Florianópolis, Chapecó e Lages, existe uma orientação a nem um pouco preocupado. Já em Balneário Camboriú caracterizou-se a tendência à simetria à esquerda. Finalmente, em Criciúma, a maioria das pessoas está muito preocupada com este tipo de delito (Gráfico 20).

**Gráfico 20**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação em ser agredido em razão de sua cor, raça, religião ou opção sexual  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina

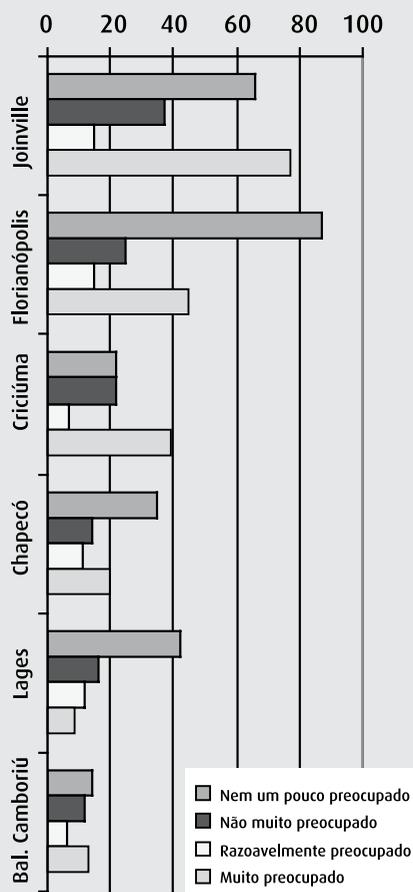


Fonte: Coleta de pesquisa do autor

Já no que se refere à preocupação em ser assaltado por causa da sua cor, raça, religião ou opção sexual, o Gráfico 21 mostra que, em Florianópolis, Chapecó e Lages, a posição nem muito preocupado sobressai em relação às demais categorias, caracterizando a tendência à esquerda, enquanto em Joinville e Criciúma ressalta-se a maior frequência de muito preocupado, seguida de nem um pouco preocupa-

do e não muito preocupado. No município de Balneário Camboriú, a frequência está acenando para a simetria à esquerda.

**Gráfico 21**  
Pessoas entrevistadas, segundo condição de ter preocupação em ser assaltado por causa de sua cor, raça, religião ou opção sexual  
Municípios das Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: Coleta de pesquisa do autor

## Conclusão

O levantamento do medo do crime vem atender à aferição de uma variável de maior envergadura, que também engloba a sensação de impunidade, ao célebre e tão almejado concei-

to, para a sociedade, primordialmente para os órgãos que compõem o sistema penal, a sensação de segurança.

A adoção desse instrumento – o levantamento do medo do crime – se dá por meio do desenvolvimento e adoção de práticas progressistas e multidisciplinares, eficazmente conectadas com a nossa realidade, no âmbito de um contexto dinâmico e complexo, criando um leque de possibilidades que contribuirão para o crescimento e o desenvolvimento organizacional.

O levantamento do medo do crime poderá indicar um conjunto de tendências que parecem se delinear nas ações para o gerenciamento da segurança pública e defesa do cidadão de modo mais efetivo, quando do estabelecimento de planos de policiamento ostensivo mais apropriado às demandas sociais.

Os resultados também demonstram uma nova conotação que poderá ser adotada pelas diversas organizações policiais militares e, por conseguinte, contribuir com a Corporação como um todo, em seu compromisso social com a qualidade de vida barriga verde, trazendo, igualmente, ação para reflexões acerca de como a ferramenta poderá proporcionar um emprego mais efetivo dos recursos utilizados, propiciando caminhos diferentes dos até então trilhados.

Nessa adução comprova a proposição desta pesquisa teórico-empírica, isto é, levantar e sistematizar a análise dessas tendências no âmbito de um enfoque conceitual, que pudesse contribuir para uma compreensão mais completa sobre a dinâmica psicossocial, em razão do medo do crime.

A proposição do levantamento do medo do crime, no Estado de Santa Catarina, teve como alvo contemplar o processo decisório para a solução dos problemas de manutenção da ordem pública, por intermédio do policiamento ostensivo, sob estribos empíricos por intermédio do desenvolvimento de um mapa conceitual, muitos deles buscados por meio de portais de polícias internacionais, no sentido de facilitar a compreensão dessa ferramenta.

Neste estudo de caso, pode ser observado que, em muitas dimensões do medo do crime, a sociedade barriga verde respondeu de modo diferenciado nos municípios que fizeram parte da amostra.

Com referência ao medo do crime no Estado de Santa Catarina, verifica-se que sua ocorrência se dá modo semelhante em todos os municípios que possuem características idênticas, matizando-se de maneira diferenciada entre os elementos integrantes da amostra, com base nas diversas dimensões que foram eleitas para o levantamento dentro do que propugna o modelo adaptado na pesquisa.

Infere-se que o medo do crime está correlacionado com um leque de dimensões diversas, do ponto de vista do referencial colhido. Nos modelos adotados por vários países, diversas variáveis poderão ser levantadas para se aferir este constructo, mormente do ponto de vista quantitativo, primordialmente.

O conhecimento do medo do crime possibilita o desenvolvimento de uma política de segurança pública mais eficaz. Com base nas novas tecnologias integrantes de diversos órgãos po-

liciais internacionais, é fundamental que sejam efetuados levantamentos para se conhecer a realidade e operar com políticas de segurança pública mais efetivas em relação a essa demanda social de relevância para a qualidade de vida.

Propugna-se um novo conteúdo que deve ser propiciado no estabelecimento das políticas de segurança pública, para tentar colocar no processo uma perspectiva que incorpore diversas preocupações em relação aos aspectos psicossociais, culturais, políticos, sociais e econômicos voltados à promoção da segurança pública.

Assim, são necessárias ações que enfrentem o determinismo dos planos mais baseados no

cunho estritamente político e no ensaio-erro e passem a eleger processos decisórios conectados a um todo mais sistêmico, de forma que as pesquisas, em geral, se tornem um espaço privilegiado de decisão e também um mediador entre a regulação e a liberdade.

Por derradeiro, este levantamento demonstrou que os cidadãos estão relativamente preocupados com riscos à sua segurança em situações diversas e em relação a circunstâncias de ordem criminal e estão agregando ativamente medidas para se esquivar do risco, numa tentativa de reduzir sua exposição às ameaças e formulando estratégias para sua segurança.

### Referências bibliográficas

ALEMIKA, E. E. O.; CHUKWUMA, I. C. *Criminal victimization and fear of crime in Lagos Metropolis, Nigéria*. Cleen Foundation Monograph Series, n. 1. Lagos, Nigéria, 2005. Disponível em: < www.cleen.org>. Acesso em: 10 set. 2006.

ANSORFF, H. I. *Administração estratégica*. Tradução Mário Ribeiro da Cruz. Revisão Técnica de Luiz Gaj. São Paulo: Atlas, 1983.

AUGUSTO, M. H. O. Segregação social e violência urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo*, v. 17, n. 48, fev. 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-69092002000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 dez. 2006.

BANDEIRA, F. T. Atenção! Os tribunais estão admitindo um perigoso precedente para a mutilação dos direitos e garantias fundamentais do homem. *Boletim do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 124, mar. 2003.

BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: UFSC, 1998.

BATISTA, V. M. S. W. *O medo na cidade do Rio de Janeiro*. 2003. 287 f. Tese. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina, 2003.

BRADY, T. V. Measuring what matters part one: measures of crime, fear, and disorder. National Institute of Justice. *ResearchingAction*. Part one, U.S. Department of Justice. Office of Justice Programs. December 1996. Disponível em: < www.ncjrs.gov/pdffiles/167255.pdf>. Acesso em: 26 set. 2006.

CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: ed. 34, Edusp. 2000.

CARRILLO, A. A. P. *Análisis y evaluación de leyes en materia de prevención delictiva*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 2002.

CERQUEIRA, D.; LOBÃO, W. *Determinantes da criminalidade: uma resenha dos modelos teóricos e resultados empí-*

ricos. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, junho de 2003 (Texto para discussão, 956). Disponível em: <[www.ipea.gov.br/livrariaipea/debatessemfronteiras/capaslivrosjunho.html](http://www.ipea.gov.br/livrariaipea/debatessemfronteiras/capaslivrosjunho.html)>. Acesso em: 21 set. 2006.

CHRISTMANN, K.; ROGERSON, M. *Crime, fear of crime and quality of life identifying and responding to problems*. Research Report 35. Northern Crime Consortium. Disponível em: <<http://ndcevaluation.adc.shu.ac.uk/ndcevaluation/home.asp>>. Acesso em 21 out. 2006.

CRUZ, B. K. da. *Fear of crime: the impact of community policing*. Armstrong Atlantic State University. Disponível em: [www.nssa.us/nssajrnl/24\\_2/04-DaCruz-Fear.htm](http://www.nssa.us/nssajrnl/24_2/04-DaCruz-Fear.htm). Acesso em: 27 out. 2006.

DANTAS, G. F. de L. *O medo do crime*. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Segurança Pública e Defesa Social (NEPeSP) da Upis, Faculdades Integradas. Disponível em [usp.com.br](http://usp.com.br). *As políticas públicas em relação ao tema: indústria do crime consome 10% do PIB*. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Segurança Pública e Defesa Social (NEPeSP) da UPI, Faculdades Integradas, 2002. Disponível em: <<http://arvore.com.br>>.

DITTON, J.; FARRALL, S. Fear of burglary: refining national survey questions for use at the local level. *International Journal of Police Science and Management*, v. 3, n. 1, p. 9-18, 2000. Disponível em: <[http://www.popcenter.org/Problems/Supplemental\\_Material/bu...e/Ditton\\_Farrall\\_2000.pdf](http://www.popcenter.org/Problems/Supplemental_Material/bu...e/Ditton_Farrall_2000.pdf)>. Acesso em 21 out. 2006.

DIJK, J. van; MANCHIN, R.; KESTEREN, J. van; NEVALA, S.; HIDEG, G. *The burden of crime in the EU*. Research Report: A Comparative Analysis of the European Crime and Safety Survey (EU ICS) 2005. Gallup Europa. Disponível em: <<http://www.crimereduction.gov.uk/statistics/statistics060.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2007.

FARRALL, S.; JACKSON, J.; GRAY, E. xpreliminary findings from experience and expression. Methodology Institute, London School of Economics. WC2A 2AE (Working paper n. 1). Disponível em: <[https://www.lse.ac.uk/collections/methodologyInstitute/pdf...n/E&E\\_working\\_paper\\_1.pdf](https://www.lse.ac.uk/collections/methodologyInstitute/pdf...n/E&E_working_paper_1.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2006.

FEIGUIN, D.; LIMA, R. S. de. Tempo de violência: medo e insegurança em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: Fundação Seade, v. 9, n. 2, p. 73-80, 1995. Disponível em: [bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/](http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/). Acesso em: 07 set. 2006.

FLORIDA DEPARTMENT OF JUVENILE JUSTICE. Bureau of Data and Research. 2000-AI. *Fear of crime and related perceptions in Florida 1998*. Disponível em: [www.djj.state.fl.us/Research/statsnresearch/r\\_digest/issue2000a.pdf](http://www.djj.state.fl.us/Research/statsnresearch/r_digest/issue2000a.pdf). Acesso em: 20 out. 2006.

FRIAS, G. A construção social do sentimento de insegurança em Portugal na actualidade. In: VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Coimbra, set. 2004. Disponível em: [www.ces.uc.pt](http://www.ces.uc.pt) Acesso em: 25 out. 2006.

GIBLIN, M. J. *Measuring adult criminal victimization: findings from the anchorage adult criminal victimization survey*. Report to the Bureau of Justice Statistics. Alaska Justice Statistical Analysis Center Justice Center. University of Alaska Anchorage. JC 0109.021, July 2003. Disponível em: [justice.uaa.alaska.edu/forum/i202su03/a\\_aacvs.html](http://justice.uaa.alaska.edu/forum/i202su03/a_aacvs.html). Acesso em 23 out. 2006.

GORDON, Ian. *Marketing de Relacionamento: estratégias, técnicas e tecnologias para conquistar clientes e mantê-los para sempre*. São Paulo: Futura, 2000.

HART, T. C.; WILSON, M. *Research and development bureau. 2005*. Hillsborough County Sheriff's Office (Community Survey Final Report). Disponível em: <[http://www.hcso.tampa.fl.us/Sheriff\\_Gee\\_Corner/2005\\_Community\\_Survey\\_FINAL\\_REPORT.pdf](http://www.hcso.tampa.fl.us/Sheriff_Gee_Corner/2005_Community_Survey_FINAL_REPORT.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2006.

HOARE, J.; ROBB, P. *Crime in England and Wales: quarterly update to June 2006*. 19 October 2006. Home Office Statistical Bulletin. Disponível em: <[www.homeoffice.gov.uk/rds](http://www.homeoffice.gov.uk/rds)>. Acesso em: 26 out. 2006.

HOWARD, K. A.; WEBSTER, D. W.; VERNICK, J. S. Of a national survey Beliefs about the risks of guns in the home. *Analysis*, v. 5, p. 284-289, 1999. Disponível em: <<http://ip.bmjournals.com/cgi/content/full/5/4/284#BIBL>>. Acesso em: 28 out. 2006.

IRVING, B. *Fear of crime: theory, measurement and application*. Police Foundation. Disponível em: [www.police-foundation.org.uk/files/POLICE0001/publi...ns/FEAR%20OF%20CRIME2.pdf](http://www.police-foundation.org.uk/files/POLICE0001/publi...ns/FEAR%20OF%20CRIME2.pdf). Acesso em 21 set. 2006.

KARA, M.; UPSON, A. *Crime in England and Wales: quarterly update to September 2005*. 26 January 2006. Disponível em: [www.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs06/hosb0306.pdf](http://www.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs06/hosb0306.pdf). Acesso em: 27 out. 2006.

KOTLER, P.; ROBERTO, E. *Marketing social: estratégias para alterar o comportamento público*. Tradução de José Ricardo Azevedo e Elizabete Maria Braga. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

LANE, J.; MEEKER, J. W. Subcultural diversity and the fear of crime and gangs. *Crime & Delinquency*, Sage Publications, v. 46, n. 4, p. 497-521, Oct. 2000.

LAVADO, E. L.; CASTRO, A. A. *Projeto de pesquisa (Parte V – amostra) Cap. 7. Planejamento da pesquisa*. São Paulo: AAC, 2001. Disponível em: [www.metodologia.org](http://www.metodologia.org). Acesso em: 01 ago. 2006

LIMA, L. F. C. da C. O controvertido papel da polícia. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, n. 39, p. 241-249, jun.-set. 2002.

LIMA, R. S. de. *Conflitos sociais e criminalidade urbana: uma análise dos homicídios cometidos no Município de São Paulo*. Dissertação apresentada para o Mestrado em Sociologia. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Disponível em: [www.desarme.org/publique/media/homicidios\\_SP.pdf](http://www.desarme.org/publique/media/homicidios_SP.pdf). Acesso em: 23 out. 2006.

MAXIMIANO, A. C. A. *Teoria geral da administração: da escola científica à competitividade em economia globalizada*. 2. ed., atualizada e revisada. São Paulo: Atlas, 2002.

MORGAN, Gareth. *Imagens da organização*. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MORLEY, L. *Elmbridge Borough council fear of crime*

*survey autumn 2004*. Elmbridge Borough Council. ORC International. Disponível em: [www.orc.co.uk](http://www.orc.co.uk). Acesso em 25 set. 2006.

NATIONAL STATISTICS. *Crime and fear of crime*. Harmonised concepts and questions for social data sources. June 2004. Disponível em: [www.statistics.gov.uk/about/data/harmonisation/downloads/S9.pdf](http://www.statistics.gov.uk/about/data/harmonisation/downloads/S9.pdf). Acesso em: 22 nov. 2006.

NETO, P. de M.; RICARDO, C. de M. *O Fórum metropolitano de segurança pública e a ampliação do debate sobre a violência em São Paulo*, 2003, p. 365-382. Disponível em: [www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/mesquita2003.pdf](http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/mesquita2003.pdf). Acesso em 22 out. 2006.

NORONHA, C. V. *Domínios do medo social: violência, crime e pobreza na Grande Salvador*. 2003. 247 f. Tese. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva, Salvador, 2003.

PEIXOTO, B. T.; LIMA, R. S. de; DRURANTE, M. O. Metodologias e criminalidade violenta no Brasil. *Revista Perspectiva*, v. 18, n.1, p. 13-21, 2004.

RESEARCH DEVELOPMENT AND STATISTICS. Tackling fear of crime and disorder in the community. *Fear of Crime Team*. Disponível em: [www.crimereduction.gov.uk/fearofcrime02.pdf](http://www.crimereduction.gov.uk/fearofcrime02.pdf). Acesso em: 27 nov. 2006.

ROBINSON, J. B.; LAWTON, B. A.; TAYLOR, R. B.; PERKINS, D. D. Multilevel longitudinal impacts of incivilities: fear of crime, expected safety, and block satisfaction. *Journal of Quantitative Criminology*, v. 19, n. 3, September 2003. Disponível em: [www.rbtaylor.net/jqc2003.pdf](http://www.rbtaylor.net/jqc2003.pdf). Acesso em: 27 out. 2006.

ROLIM, Marcos. *A síndrome da rainha vermelha: policiamento e segurança pública no século XXI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROMER D.; JAMIESON, K. H.; ADAY, S. *Televisions news and the cultivation of fear of crime*. International Communication Association. 2003. Disponível em: [http://www-rohan.sdsu.edu/~digger/305/crime\\_cultivation\\_](http://www-rohan.sdsu.edu/~digger/305/crime_cultivation_)

theory.pdf>. Acesso em: 21 de set 2006.

RNET. *Fear of crime*. Disponível em: <<http://www.renewal.net/Documents/RNET/Overview/Crime/Fearofcrime.doc>>. Acesso em 07 nov. 2006.

ROSS, N. *Crime and older people – fear, experience and solutions*. AGE Today. Issue 3, 2003, Disponível em: <[http://www.helptheaged.org.uk/NR/rdonlyres/60F8C330-6B2E-4...F/0/age\\_today\\_3\\_crime.pdf](http://www.helptheaged.org.uk/NR/rdonlyres/60F8C330-6B2E-4...F/0/age_today_3_crime.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2006.

SAFER COMMUNITIES PARTNERSHIP. *Fear of crime forum*. Fear of crime snap-shot survey. Disponível em: <<http://www2.whitbytoday.co.uk/FOCQuestionnaire.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2006.

SANTOS JÚNIOR, A. A. dos. Dimensões de uma segurança pública mais efetiva: a gênese de uma polícia estadual única. *Revista Alcance*, Santa Catarina, Univali, n. 2, p. 33-38, 1999.

\_\_\_\_\_. O discurso garantista ou de tolerância zero para o sistema penal. *Revista Alcance*, Santa Catarina, Univali, n. 4, p. 41-51, 2000.

SANTOS JÚNIOR, A. A. dos; HENRIQUE, J. M. O exórdio da integração policial no Estado de Santa Catarina. *Coleção Ciências Empresariais*. Portugal, Universidade Moderna do Porto, n. 7, p. 67-83, set. 2004.

\_\_\_\_\_. Conjecturas acerca do arquétipo de atuação policial militar e perspectivas futuras. *Revista Visão Global*, Santa Catarina, Unoec, v. 8, n. 30, p. 131-141, jul./dez. 2005.

SCOTT, H. Stranger danger: explaining women's fear of crime. *The Western Criminology Review*. Disponível em: <<http://wcr.sonoma.edu/v4n3/scott.html>>. Acesso em: 29 ago. 2003.

SHAFTOE, Henry. *Feeling the fear: can we deal with it in any way?* Synopsis of National Community Safety Network seminar Cardiff. June 2004. Disponível em: <[http://environment.uwe.ac.uk/commsafe/fear\\_synopsis.pdf](http://environment.uwe.ac.uk/commsafe/fear_synopsis.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2006.

SOUTH BUCKS COMMUNITY SAFETY STRATEGY 2005-

2008. *Reducing crime, disorder and the fear of crime within south bucks district*. Thames Valley Police. Disponível em: <<http://www.southbucks.gov.uk/documents/Community%20Safety%20Strategy%202005%20.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

SOUZA, L. A. F. de. Polícia, direito e poder de polícia. A polícia brasileira entre a ordem pública e a lei. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, n. 43, p. 297-321, abr.-jun., 2003.

STAVROU, V. *Perceptions and fear of crime: the Alexandra Community Crime Survey*. Pretoria: Human Sciences Research Council, 1993. p.3-9. Disponível em <http://www.wits.ac.za/csv/papers/papstav2.htm>. Acesso em 02 de set 2006.

TAYLOR, R. B. Crime, grime, fear, and decline: a longitudinal look. *National Institute of Justice. Research in Brief*. July 199. U.S. Department of Justice Office of Justice Programs National Institute of Justice. Disponível em: <<http://www.ojp.usdoj.gov/nij>>. Acesso em: 23 out. 2006.

YIN, Robert K. - Case Study Research: design and methods. Sage Publications Inc., USA, 1989.

WALKER, A. C.; KERSHAW; NICHOLAS, S. Crime in England and Wales 2005/06. *Home Office Statistical Bulletin*. National Statistics. Disponível em: <<http://www.crimereduction.gov.uk/statistics/statistics50.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2006.

WARR, M. *Fear of crime in the United States: avenues for research and policy*. measurement and analysis of crime and justice. NIJ, v. 4, July 2000. Disponível em: <[http://www.ncjrs.gov/criminal\\_justice2000/vol\\_4/04front.pdf](http://www.ncjrs.gov/criminal_justice2000/vol_4/04front.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2006.

WILLIAMS, F. P.; MCSHANE, M. D.; AKERS R. L. Worry about victimization: an alternative and reliable measure for fear of crime. *Western Criminology Review*, 2, 2000. Disponível em: <<http://wcr.sonoma.edu/v2n2/williams.html>>. Acesso em: 29 set. 2006.

ZACKESKI, C. Da prevenção penal a nova prevenção.

*Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, n. 29, p. 167-191, jan.-mar. 2000.

2004. COMMUNITY SAFETY SURVEY. *Fear of crime*, 2006, p. 29-31 (Paper, 563). Disponível em: <[http://www.canterbury.gov.uk/assets/policy/2004\\_Community\\_Sa-](http://www.canterbury.gov.uk/assets/policy/2004_Community_Sa-)

[fety\\_Survey.pdf](#)>. Acesso em: 27 nov. 2006.

2005. TEMPE POLICE DEPARTMENT CITIZEN SURVEY. City of Tempe Police Department. *Crime Analysis Unit*. Arizona State, October 24 - November. Disponível em: <<http://www.tempe.gov/cau/Citizen%20Survey%202005%20Summary.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2006.

**Data de recebimento:** 04/09/07

**Data de aprovação:** 06/11/07

**Levantamento da percepção do medo  
e do crime em Santa Catarina**

*Aldo Antônio dos Santos Júnior, Luis Henrique Dutra e Daniel Bernardo da Silva Filho*

**Segurança Pública**